

## **A INFLUÊNCIA DA TÉCNICA VOCAL SOBRE A EMISSÃO CANTADA NO VERNÁCULO**

*Antônio Carlos Silvano Pessotti (UNICAMP)*

As técnicas de canto desenvolvidas durante os séculos e pelos diversos países envolveram preferências ligadas às suas respectivas línguas. Tais técnicas possuem o embasamento cultural e a influência da produção da fala sobre a voz cantada, que pode refletir ideais estéticos na pedagogia vocal. Os eventos articulatórios, tomados de um ponto de vista funcional, não podem ser construídos somente sobre bases técnicas, pois envolvem bases fisiológicas resultantes da formação de hábitos durante o processo de aquisição da língua falada. Investigou-se, com auxílio das técnicas de fonética acústica, a possibilidade de existir alguma influência da técnica na produção vocal através de certos traços, alterando a emissão e inteligibilidade do texto. Através da literatura demonstra-se que tais traços já foram detectados no passado. O foco das análises foi o estudo dos róticos em posição V[r]# do segmento nin[ar]# da Cantiga de Ninar de Francisco Mignone. Mediu-se a duração das vogais, dos róticos, dos fechamentos e aberturas orais desses róticos, frequências dos formantes F1, F2 e F3, bem como as larguras de banda desses formantes, tanto das vogais quanto dos róticos. Tomou-se como parâmetro de comparação à postura da fala de cantoras e verificou-se que há diferenças com relação a sua emissão do português brasileiro.

## **COMPORTAMENTO DAS VOGAIS PRETÔNICAS MÉDIAS NO LITORAL POTIGUAR**

*Maria das Neves Pereira (UFRJ)*

Este trabalho tem com objeto de estudo as realizações das vogais pretônicas médias no litoral potiguar, pressupondo a ocorrência “de uma forma básica: média aberta” para as vogais médias /e/ e /o/ acrescida de um processo de harmonização vocálica - a vogal que fecha o timbre em vizinhança de vogal média fechada subsequente - a partir da sílaba tônica. O corpus examinado contém 452 ocorrências registradas em entrevistas realizadas para a constituição do corpus do Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte -ALIRN em dois municípios da sua rede de pontos na região litorânea: Canguaretama (80Km) e Macau (190Km). Os condicionamentos lingüísticos testados são a natureza da vogal seguinte à vogal alvo (VA), papel das cordas vocais da VA, modo de articulação das consoantes seguintes e precedentes à VA, ponto de articulação das consoantes da sílaba precedente e seguinte à VA, presença/ausência de travamento na sílaba alvo e a posição da VA em relação a vogal tônica do vocábulo. Os não-lingüísticos considerados foram: localidade, gênero do falante e faixa etária. A análise estatística foi feita com o Programa GOLDVARB-2001. Os resultados sugerem traços de variação estável previstos no contexto do português do Brasil, evidenciando esse fato fonético já apresentado em Rêvah (1958), Callou (1964), Abaurre e Gnerre (1981). (Palavras-chave: língua e sociedade; diferenças diatópicas; Atlas Lingüístico).

## **CONFIGURAÇÕES GESTUAIS DO TAP EM GRUPOS E CODA**

*Adelaide Hercília Pescatori Silva (UFPR)*

Descrições fonético-acústicas (Nishida, 2005; Clemente, 2005) têm mostrado configurações distintas para o tap em grupos do tipo “obstruinte+tap+vogal” e o tap em coda. Nos dois casos, vê-se que ocorre um evento acústico de natureza vocálica precedendo o tap (no caso de grupos) ou sucedendo-o (em coda). Entretanto, os dados investigados por Nishida (op.cit.) evidenciam que o evento acústico em questão é a vogal do grupo, que o tap entrecorta depois de decorridos, aproximadamente, 20 ms do início da vogal. Os dados investigados por Clemente (op.cit.), por

outro lado, sugerem que, em coda, o evento acústico consiste numa vogal centralizada, próxima da vogal neutra. Ora, esses fatos apontam para uma escolha da língua sobre a natureza da vogal adjacente ao tap a depender da posição que o mesmo ocupa na palavra. Trata-se, portanto, de um fato de natureza gramatical. Logo, é necessário prever-lhe uma representação, cuja proposta se apresentará neste trabalho. Tomaremos por base modelos dinâmicos de produção da fala, em especial a Fonologia Articulatória (Browman & Goldstein, 1992) e a Fonologia Acústico-Articulatória (Albano, 2001).

### **CORRELATO ACÚSTICO PARA O /R/ RETROFLEXO EM DADOS DO DIALETO PARANAENSE**

*Irineu da Silva Ferraz (UFPR)*

A literatura fonética, principalmente aquela que se refere a dados do inglês americano( cf. Lehiste, 1964 e Lindau, 1985) tradicionalmente aponta como correlato acústico para o /r/ retroflexo a presença de F3 baixo, medindo 2.000 Hz ou menos. No nosso estudo, a partir de dados obtidos do dialeto paranaense, os testes estatísticos apontaram diferenças significativas entre as medidas de F3 para o som em questão de acordo com o contexto vocálico adjacente. Chegamos a essa conclusão após a análise do retroflexo em posição de coda silábica sucedendo as sete vogais orais do português brasileiro (PB). De fato, quando os contextos vocálicos adjacentes são anteriores, as medidas absolutas de F3 desse som se apresentam mais altas- quase sempre ultrapassando 2.000 Hz- em relação aos contextos vocálicos posteriores, em que foram atestadas, geralmente, medidas absolutas abaixo de 2.000 Hz. No entanto, para ambos os contextos, o terceiro formante sempre abaixa em relação ao contexto vocálico adjacente. Assim, por não podermos simplesmente apontar F3 baixo como correlato acústico para o retroflexo do PB e por essa percepção evidente de co-produção, optamos por chamá-lo de “bemolizado” - uma referência ao traço “flat” (bemol), proposto por Jakobson, Fant & Halle, (1952), que caracterizaria sons nos quais se observa abaixamento de alguns componentes de alta frequência.

### **ESTUDO FONÉTICO-ACÚSTICO DAS VIBRANTES NO PORTUGUÊS E NO ESPANHOL PARA UMA APLICAÇÃO PEDAGÓGICA**

*Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho (UNESP)*

Trata-se de um estudo fonético-acústico das vibrantes no português e no espanhol, para fins de aplicações glossodidáticas. O objetivo deste trabalho é estabelecer as características acústicas que definem as realizações fonéticas desses segmentos, de maneira contrastiva, nos diversos contextos fônicos. Para a realização da análise, utilizamos gravações realizadas em sala acusticamente isolada, no Laboratório de Línguas da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, por informantes brasileiros e colombianos. As gravações foram, então, submetidas à análise acústica, com o auxílio do Multi-Speech, programa de análise de fala para Windows. A partir desse estudo, é possível apontar algumas interferências que podem ocorrer no processo de aquisição dessas línguas como L2, no que se refere à pronúncia adequada das vibrantes. Além disso, também, é possível elaborar exercícios de pronúncia para esse tipo de dificuldade.

### **O EFEITO DOS ESTÍMULOS AUDITIVO E VISUAL NA PERCEPÇÃO DE MARCADORES PROSÓDICOS GRÁFICOS E LEXICAIS**

*Vera Pacheco*

Para compreender como se dá o processamento da linguagem é preciso considerar a ação dos estímulos auditivo e visual. Assim, considerando-se o efeito desses estímulos, busca-se investigar a percepção de marcadores prosódicos (MP), que são marcas textuais gráficas como os sinais de

pontuação ou marcas lexicais, como os modos de dizer, usados na escrita do PB que sinalizam variações prosódicas tais como diferenças tonais, variações de volume, tessitura, etc. Para alcançar o objetivo proposto foi realizado um experimento que conjugou estímulos auditivo e visual na percepção de MPs. Esse experimento contou com a) preparação de estímulo auditivo: gravação de textos-estímulos lidos por um locutor. A partir dessas gravações foi gerada gravação editada, caracterizada pela inversão de passagens sob o efeito dos diferentes MPs, b) preparação do estímulo visual: o texto lido pelo locutor foi preparado de três formas: (i) com os MPs devidamente colocados no texto; (ii) totalmente desprovidos de MPs e (iii) os MPs colocados de forma errática; c) aplicação do teste de percepção: as gravações natural e editada foram tocadas combinadas com a projeção dos textos estímulos nas três diferentes formas. O informante deveria registrar, por meio de códigos previamente estabelecidos, em cópia impressa que lhe foi entregue, as variações prosódicas ouvidas ou vistas. Os dados foram submetidos ao teste Qui-quadrado e os resultados são discutidos considerando-se o efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção dos MPs.

## **PROEMINÊNCIA EM APURINÃ (ARUÁK): CORRELATOS FONÉTICOS E FONOLOGIA**

*Sidney da Silva Facundes (UFPA)*

Quais propriedades fonéticas podem ser associadas à noção de proeminência na língua apurinã (família aruák)? Qual a relevância da variação atestada na posição da proeminência dentro da palavra para a fonologia da língua? Essas serão as questões fundamentais a ser respondidas com base em análise acústica e fonológica dos dados dessa língua. Sabemos que o que comumente denominamos acento nas línguas do mundo apresenta propriedades fonéticas que envolvem amplitude, frequência ou quantidade, ou uma combinação das mesmas. Apresentaremos os mecanismos de interação desses três fatores que permitem caracterizar proeminência na língua. Finalmente, tendo estabelecido os correlatos fonético-acústicos de proeminência, partiremos para descrever os fatores que condicionam a variação na posição da sílaba proeminente dentro da palavra, e determinaremos a relevância dessa variação para o status fonológico de proeminência na língua.